

## O GESTO DE LEVANTAR A MÃO: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DO CONTÍNUO DE KENDON

### THE GESTURE OF RAISING HAND: A LOOK UNDER THE PERSPECTIVE OF KENDON'S CONTINUUM

Eriglauber Edivirgens Oliveira da Silva (PROLING/UFPB)<sup>1</sup>

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (PROLING/UFPB)<sup>2</sup>

Driely Xavier de Holanda (PROLING/UFPB)<sup>3</sup>

**Resumo:** O gesto de levantar a mão é uma produção gestual tão comum nas interações com múltiplos interlocutores para pedir o turno de fala, que foi traduzido como um botão em plataformas de interação online com múltiplos participantes, evidenciando a importância da sua função para esse contexto. Diante disso, o presente estudo busca de forma geral analisar os aspectos linguísticos que envolvem o gesto de levantar a mão, objetivando de forma específica debater teoricamente sobre o gesto de levantar a mão no contexto de sala de aula e classificar as ocorrências desse gesto sob a perspectiva do Contínuo de Kendon (MCNEILL, 2000). Metodologicamente, o estudo se compreende como uma pesquisa descritiva e exploratória de caráter qualitativo interpretativista, organizando os passos da investigação da seguinte forma: 1) levantamento bibliográfico, para o desenvolvimento do debate teórico; 2) seleção e transcrição dos dados, para o desenvolvimento de uma análise classificatória com dados reais e; 3) análise de dados, momento em que a teoria e os dados se encontram. Como embasamento teórico, o atual estudo usufrui de autores que defendem o conceito de matriz gesto-fala (MCNEILL, 1985; MCNEILL, 2000; MCNEILL, 2006; BARROS; CAVALCANTE, 2015; CAVALCANTE, 2019) e autores que investigam o processo interativo professor-aluno no contexto de sala de aula (MARCUSCHI, 2008; SILVA, 2008; SILVA, 2010; DIXON; EGENDOERFER; CLEMENTS, 2009; BÖHEIM et al., 2020). Como resultado, a investigação consegue evidenciar teoricamente que o gesto de levantar a mão pode ser um importante recurso para a manutenção dos turnos de fala em contexto de sala de aula e, durante a análise do gesto sob a perspectiva do Contínuo de Kendon, ficou claro que o gesto de levantar a mão se trata de um emblema gestual.

**Palavras-chave:** Levantar a mão; Contínuo de Kendon; Multimodalidade.

**Abstract:** The gesture of raising the hand is a gestural production so common in interactions with multiple interlocutors to ask for the speech shift, which was translated as a button in online interaction platforms with multiple participants, importance of its function for this context. Therefore, the present study seeks to analyze the linguistic aspects that involve the gesture of raising the hand, theoretically about the gest of raise the hand, in the context of the classroom and classify the occurrences of this gesture from the perspective of the Kendon Continuum (MCNEILL, 2000). Methodologically, the study is understood as a descriptive and exploratory research of qualitative

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB) e bolsista FAPESQ. Email: glaukerb@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB), pesquisadora CNPq/PQ. Email: marianne.cavalcante@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB). Email: drielyxavier@hotmail.com

interpretative character, organizing the steps of the investigation as follows: 1) bibliographic survey, for the development of the theoretical debate; 2) selection and transcription of data, for the development of a classificatory analysis with real data, and 3) data analysis, at which time the theory and data meet. As a theoretical basis, the current study uses authors who defend the concept of gesture-speech matrix (MCNEILL, 1985; MCNEILL, 2000; MCNEILL, 2006; BARROS; CAVALCANTE, 2015; CAVALCANTE, 2019) and authors who investigate the interactive professor-student process in the classroom context (MARCUSCHI, 2008; SILVA, 2008; SILVA, 2010; DIXON; EGENDOERFER; CLEMENTS, 2009; BÖHEIM et al., 2020). As a result, the investigation is able to show theoretically that the gesture of raising the hand can be an important resource for maintaining the shifts of speech in the context of the classroom and, during the analysis of the gesture from the perspective of the Kendon it became clear that the gesture of raising the hand is a sign emblem.

**Keywords:** Raising the hand; Kendon's continuum; Multimodality.

## Introdução

Desde a segunda metade do século passado os estudos sobre a integração gesto-fala na interação humana vêm ganhando espaço entre as investigações científicas, porém, o movimento de estudos sobre o gesto no campo da Linguística começou a ganhar força nas últimas três décadas. Segundo Cavalcante (2019), as pesquisas linguísticas sobre gestualidade ganharam espaço na última década do século XX, em que o aspecto gestual passou a ser reconhecido como fenômeno linguístico, graças aos estudos de diversos pesquisadores, como o Adam Kendon e o David McNeill.

Partindo disso, é possível perceber que as investigações considerando a gestualidade como um aspecto linguístico são um acontecimento recente, pois ainda se encontra correntes da Linguística que compreendem o gesto como um “meio não-linguístico da comunicação oral” (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004, p. 134). Entretanto, mesmo com o debate sobre o status linguístico do gesto ainda caminhando no campo da Linguística, a natureza multimodal da comunicação humana parece ser um aspecto evidente dessa interação, pois, no desenvolvimento de tecnologias de comunicação oral, as produções gestuais também recebem atenção.

Para explicar essa afirmação, é importante lembrar do isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19, em que foi necessário recorrer a ferramentas tecnológicas para manter atividades sociais, profissionais e educacionais durante os anos de pandemia. Nesse contexto, as videochamadas se tornaram uma forma de interação não presencial importantíssima para que os trâmites sociais não cessassem permanentemente, permitindo que interações gesto-vocais fossem mantidas.

No entanto, mesmo com as diversas adaptações feitas para uma comunicação multimodal efetiva nesse contexto (como os professores que se utilizavam de quadros no ambiente físico para transmitir suas aulas), na maioria dos casos parte do espaço gestual (MCNEILL, 1985, p. 364) era cortada pela proximidade da câmera com o rosto dos participantes. Por causa disso, gestos mais expansivos que indicassem altura de objetos ou movimentos mais longos poderiam não ser captados em sua integridade durante uma videochamada, porém, uma importante e recorrente produção gestual do contexto de conversação de múltiplas pessoas foi adaptada para o espaço tecnológico da videochamada como um botão.

“*Raise Hand*” (traduzido como “Levantar a mão”) é uma ferramenta presente na interface das duas grandes plataformas de videochamadas, *Zoom* e *Google Meet*, que funciona como um alerta

silencioso para indicar o pedido de turno de fala por algum participante de uma conversação online com múltiplos interlocutores. A nomeação de “Levantar a mão” para a ferramenta em questão é motivada pela produção gestual muito comum em contexto de interação com múltiplos interlocutores (como conversas, reuniões, palestras e aulas), pois o gesto de levantar a mão é uma forma silenciosa de um interlocutor indicar o seu interesse em ter o turno de fala.

Considerando a importância desse gesto para os contextos de interação com múltiplos participantes, já que a função desempenhada pelo gesto em questão nesses contextos foi adaptada para o contexto online e recebeu o nome da ação desempenhada pelo gesto, o presente estudo investiga a relação do gesto de “levantar a mão” com o contexto de sala de aula presencial. De forma geral, a atual pesquisa busca analisar os aspectos linguísticos que envolvem o gesto de “levantar a mão” no contexto de sala de aula, visando de forma específica: a) debater teoricamente sobre gesto estudado no contexto de sala de aula e b) classificar o gesto em questão sob a perspectiva do Contínuo de Kendon.

Do ponto de vista metodológico, o estudo se caracteriza como uma pesquisa descritiva e exploratória dentro da abordagem qualitativa interpretativista, organizando-se em três momentos: 1) levantamento bibliográfico, 2) transcrição de dados e 3) análise dos dados transcritos. Sobre o levantamento bibliográfico desenvolvido para fundamentar a pesquisa, buscou-se investigações voltadas para a classificação gestual sob uma perspectiva linguística (MCNEILL, 1985; MCNEILL, 2000; MCNEILL, 2006; BARROS; CAVALCANTE, 2015; CAVALCANTE, 2019) e também houve a procura de estudos voltados para as interações no ambiente de sala de aula (MARCUSCHI, 2008; SILVA, 2008; SILVA, 2010; DIXON; EGENDOERFER; CLEMENTS, 2009; BÖHEIM et al., 2020). No processo de transcrição dos dados, foram usadas gravações de áudio e vídeo de cinco aulas de Língua Portuguesa feitas em uma turma de quarto ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais de uma escola particular de João Pessoa, porém, foram selecionados trechos que auxiliariam na observação do atendimento dos objetivos estabelecidos para a pesquisa.

Para melhor visualizar o processo de análise dos dados da pesquisa, a exposição de atual trabalho se organiza em três seções, com a primeira seção expondo o debate teórico sobre a matriz gesto-fala e a classificação das produções gestuais, enquanto a segunda seção mostra teorizações sobre a interação professor-aluno(s) no ambiente de sala de aula. Durante a terceira seção, o presente trabalho traz uma análise classificatória das ocorrências do gesto de ‘levantar a mão’ nos dados transcritos sob a perspectiva do Contínuo de Kendon, observando o gesto estudado diante de cada contínuo para estabelecer qual tipo gestual ele se encaixa.

## 1 Discussões sobre a matriz gesto-fala

Para compreender de forma clara o conceito de matriz gesto-fala, é essencial retornar ao artigo “*So you think gestures are nonverbal?*” do David McNeill (1985), em que o autor argumenta em favor do gesto como elemento linguístico da interação durante o trabalho e faz a seguinte observação: “O principal argumento desse artigo é que gesto e fala compartilham o mesmo estágio computacional (são partes da mesma estrutura psicológica), eles estão conectados *internamente*.”<sup>4</sup> (MCNEILL, 1985, p. 353 – grifo do autor). Em síntese, McNeill (1985) discute sobre o status de linguístico do gesto durante esse trabalho, analisando narrativas gestuais sob a perspectiva dos conceitos de significante e significado de Saussure (2012, p. 107) e trazendo evidências da existência da matriz gesto-fala encontradas em pesquisas anteriores, para defender a proposta de uma matriz cognitiva que integra a produção gestual e vocal em meio à interação humana.

---

<sup>4</sup> “The principal argument of this article is that gestures and speech share a computational stage (are parts of the same psychological structure); they are connected *internally*.” (MCNEILL, 1985, p. 353).

Partindo da compreensão de que o gesto e a fala compartilham da mesma matriz cognitiva, diversas investigações foram desenvolvidas para consolidar essa ideia e ainda na década de 80 se iniciou o debate sobre classificações das ocorrências gestuais. Segundo McNeill (2000), foi o estudo “*The study of gesture: some remarks on its history*”, publicado por Adam Kendon em 1982, que definiu pela primeira vez os conceitos de gesticulação, emblema, pantomima e sinais linguísticos<sup>5</sup>. Esses conceitos viriam ser organizados em um contínuo, denominado por McNeill (2000) como “Contínuo de Kendon”, tornando-se um ponto de partida para uma observação sistemática e classificatória das ocorrências gestuais produzidas durante a interação.

Contando com as quatro classificações de produção gestual comentadas anteriormente, o Contínuo de Kendon também possui uma quinta produção gestual, denominada de “gestos preenchedores”<sup>6</sup>, que não está presente nas exposições de McNeill (2000), porém é comentada e definida pelo autor em McNeill (2006). Para melhor compreender e diferenciar todos os cinco tipos gestuais, o Contínuo de Kendon observa essas produções gestuais citadas sob a perspectiva de quatro relações de fala e gesto (presença ou ausência de produção vocal, presença ou ausência de propriedades linguísticas, convenção e caráter semiótico). Na intenção de facilitar a observação dessas quatro relações de fala e gesto do Contínuo de Kendon em nosso idioma, Cavalcante (2019) organizou um quadro evidenciando as relações abordadas pela classificação e traduzindo os termos para a língua portuguesa, como se pode ver no quadro 1.

**Quadro 1 – Contínuo de Kendon**

|  | Gesticulação                          | Gestos Preenchedores                  | Emblemas                                      | Pantomimas                            | Sinais                                |
|--|---------------------------------------|---------------------------------------|---|---------------------------------------|---------------------------------------|
| Contínuo 1 Gesto-fala                      | Presença obrigatória de fala          | Presença obrigatória de fala          | Presença opcional de fala                     | Ausência obrigatória de fala          | Ausência obrigatória de fala          |
| Contínuo 2 Gesto-propriedades linguísticas | Ausência de propriedades linguísticas | Presença de propriedades linguísticas | Presença de algumas propriedades linguísticas | Ausência de propriedades linguísticas | Presença de propriedades linguísticas |
| Contínuo 3 Gesto-convenções                | Não convencional                      | Não convencional                      | Parcialmente convencionais                    | Não convencional                      | Totalmente convencional               |
| Contínuo 4 Gesto-caráter semiótico         | Global e sintético                    | Global e analítico                    | Segmentado e sintético                        | Global e analítico                    | Segmentado e analítico                |

Fonte: (CAVALCANTE, 2019, p. 71)

Os contínuos facilitam a classificação das produções gestuais, pois, como se pode ver no quadro 1, cada ocorrência gestual possui características dentro de cada contínuo elaborado, permitindo que o processo de classificação se organize por observações do contexto de ocorrência do gesto e da natureza semiótica/linguística dele. No entanto, mesmo o quadro 1 fornecendo uma boa compreensão sobre cada tipo gestual presente no Contínuo de Kendon, é necessário definir

<sup>5</sup> Em inglês: “*gesticulation*”, “*emblem*”, “*pantomime*” e “*sing language*” (MCNEILL, 2000, p. 1-2).

<sup>6</sup> Em inglês: “*speech-framed gestures*” (MCNEILL, 2006, p. 59)

essas ocorrências gestuais de forma mais clara para auxiliar a compreensão do processo de classificação gestual a partir do Contínuo de Kendon.

Iniciando pela gesticulação, esse tipo gestual é definido como os “[...] gestos que acompanham o fluxo da fala.” (BARROS; CAVALCANTE, 2015, p. 50), enquanto os emblemas são compreendidos como os “[...] sinais convencionalizados, tais como a mão fechada com o polegar para cima ou o sinal de OK” (BARROS; CAVALCANTE, 2015, p. 50). As pantomimas gestuais são “gestos ou sequências de gestos que narram uma história, simulam uma ação ou objeto, produzidos sem fala” (BARROS; CAVALCANTE, 2015, p. 50), enquanto os sinais linguísticos estão completamente vinculados as palavras de uma língua de sinais (BARROS; CAVALCANTE, 2015), como a ASL ou a LIBRAS. No caso dos gestos preenchedores, eles são definidos como “um gesto que ocupa um lugar na sentença, preenchendo um espaço gramatical, em vez de acompanhar o fluxo de fala, como a gesticulação.” (CAVALCANTE, 2019, p. 71).

Esses cinco tipos gestuais do Contínuo de Kendon serão a base para o desenvolvimento da análise do gesto de “levantar a mão” no contexto de sala de aula, visando demonstrar a riqueza linguística do gesto em questão dentro do contexto investigado. No entanto, ainda é necessário discutir teoricamente sobre as interações multimodais dentro do espaço de sala de aula, principalmente no contexto do gênero aula, para fornecer um olhar parcial sobre o ambiente presente nos dados analisados.

## 2 Discussões sobre as interações em sala de aula

Dentro de espaço de sala de aula presencial, os processos interativos são construídos por vários interlocutores de diversas formas, tornando a interação nesse contexto bastante rica e bastante complexa do ponto de vista investigativo. Por esse motivo é uma tarefa difícil definir com exatidão o gênero aula, pois, como aponta Marcuschi (2008) ao debater sobre essa questão:

[...] *aula* é uma categoria vaga e seguidamente usada sem se considerar seus modos de realização ou enquadres sócio-cognitivos. Basta observar as variedades de eventos que denominamos de *aula* nos diversos níveis de ensino com configuração muito distinta. (MARCUSCHI, 2008, p. 49 – grifo do autor)

Para exemplificar essa fala, Marcuschi (2008) comenta sobre as aulas ensino fundamental, ensino médio, ensino universitário e ensino a distância, demonstrando que o termo aula compreende uma diversidade imensa de fenômenos discursivos e que “tal riqueza não permite uma visão simplista e linear como se houvesse um gênero textual ‘*aula*’ homogêneo e delineado” (MARCUSCHI, 2008, p. 49 – grifo do autor). Diante dessa observação, é possível perceber que as interações no gênero aula podem ocorrer em contextos e espaços distintos, porém, essas ainda estão inseridas dentro desse gênero tão abrangente e complexo. Para delimitar a visão teórica sobre o conceito de aula, a presente pesquisa opta pelo mesmo caminho de Marcuschi (2008) e Silva (2008), teorizando sobre o conceito de aula expositiva, pelo fato dessa configuração de aula ser “[...] uma das técnicas docentes mais conhecidas e empregadas no meio educacional brasileiro [...]” (SILVA, 2008, p. 20) e porque foi possível encontrar características da aula expositiva nos dados analisados pela atual investigação.

Silva (2008) compreende a aula expositiva como “[...] uma aula para um grupo grande de pessoas (em geral, mais de 20 alunos), controlado e dirigido pelo professor, mas que inclui, além de informações, certo grau de participação dos alunos.” (SILVA, 2008, p. 20). No caso, o papel do professor no contexto de aula expositiva é importante, pois durante esse momento ele “[...] dirige toda a conversação” (SILVA, 2008, p. 20), porém, a aula expositiva necessita da participação dos alunos, pois “é aos alunos que se tenta interessar, motivar, impulsionar.” (SILVA, 2008, p. 21).

Essa dinâmica interativa entre professor e aluno encontra dificuldades, pois, como Silva (2010) relata em sua vivência com professores da rede pública municipal de João Pessoa, os professores têm dificuldade em desenvolver práticas de oralidade e preferem conter a fala dos alunos, como é apontado nessa fala docente transcrita por Silva (2010): “*Se a gente for dar espaço para os alunos falarem mais do que falam, vira uma bagunça sem controle...*” (SILVA, 2010, p. 121 – grifos da autora).

Diante disso, é possível observar a possibilidade de um impasse interativo no contexto de aula expositiva, pois existe a necessidade da participação do aluno para que o propósito da aula se conclua, porém, também existe o receio docente em relação à perda do controle do momento da aula. Silva (2008) investigou as interrupções dos alunos ao discurso do professor durante a aula expositiva, buscando compreender se as interrupções eram manifestações de poder, quais eram as implicações das interrupções ao professor e se as interrupções traziam prejuízos para o desenvolvimento da aula. Observando as interrupções dos alunos sob a perspectiva do conceito de poder e solidariedade, Silva (2008) chegou à seguinte conclusão sobre esse fenômeno:

De qualquer forma, da perspectiva de quem interrompe, sempre haverá manifestação de poder, pois seja sinal de colaboração, atenção, ajuda; tudo isso tem em vista a preservação do *status* de quem interrompe; ou em outras palavras, a pessoa que interrompe está sempre preocupada com a sua imagem. Dessa forma, será sempre uma manifestação de poder. (SILVA, 2008, p. 41 – grifo do autor)

No caso, mesmo a aula expositiva sendo construída de forma cooperativa entre o professor e o aluno na teoria, a prática demonstra pontos de “conflito” entre a figura do professor e do aluno, por causa dessa implícita disputa de poder manifestada através da interação. Ao falar de manifestação de poder por parte do aluno em seu trabalho, Silva (2008) não aponta somente uma possível disputa entre professor e aluno (com o aluno através de sua interrupção implicitamente exigindo nota por causa da atenção demandada a aula), mas também aponta uma disputa de poder entre os alunos (com o aluno que interrompe buscando demonstrar maior aplicação em relação aos outros alunos). Independente da relação de poder no ambiente de sala de aula, esse olhar de Silva (2008) sobre o contexto de aula expositiva demonstra certa fragilidade na manutenção de turnos de fala por parte do professor, exigindo certo rigor dele no controle da turma e justificando a observação feita na transcrição da fala docente evidenciada em Silva (2010).

Entretanto, o recurso de levantar a mão para pedir o turno de fala é uma realidade muito comum no contexto de sala de aula brasileiro, sendo apontado por Dixon, Egendoerfer e Clements (2009) como uma regra do *Elementary School* (no Brasil, Ensino Fundamental – Anos Iniciais) nos Estados Unidos. Segundo Böheim et al. (2020) em seu estudo sobre o levantar a mão em aulas de Língua Alemã e Matemática, quando os alunos levantavam a mão, eles “[...] sinalizam que estão acompanhando a aula e querem contribuir compartilhando seus pensamentos e ideias”<sup>7</sup> (BÖHEIM et al., 2020, p. 1 – tradução nossa). No caso, o levantar a mão funciona como uma alternativa para o fenômeno da interrupção docente, investigado por Silva (2008), servindo como uma forma silenciosa dos alunos demonstrar suas intenções de partilhar o seu conhecimento com os demais participantes da aula.

Tanto a interrupção quanto o gesto de levantar a mão são duas estratégias usadas na interação desenvolvida em sala de aula, porém, como delimitado nos objetivos da presente investigação, o atual trabalho se volta para o gesto de levantar a mão no contexto de sala de aula. Considerando todas as exposições feitas sobre a interação professor-aluno no contexto de sala de

---

<sup>7</sup> “By raising their hands, students signal that they are following the lesson and want to contribute by sharing their thoughts and ideas” (BÖHEIM et al., 2020, p. 1)

aula nos moldes expositivos e a observação da necessidade de recursos para coordenar a manutenção de turnos de fala, é possível seguir para a próxima seção do trabalho em que serão analisadas produções gestuais considerando as classificações debatidas anteriormente.

### 3 A classificação do gesto de levantar a mão

Para analisar e classificar o gesto de “levantar a mão”, foi necessário recorrer às manifestações desse gesto em dados coletados no contexto de sala de aula, para que a análise feita não fosse baseada em suposições de ocorrências gestuais. Partindo disso, foram escolhidos os dados da dissertação de Silva (2020), pertencentes ao banco de dados do LAFE/UFPB (Laboratório da Aquisição da Fala e da Escrita), para o desenvolvimento da análise.

Os dados de Silva (2020) são compostos de vídeos de cinco aulas de Língua Portuguesa filmadas durante o ano de 2019 em uma turma de quarto ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais de uma escola particular de João Pessoa. Todas as cinco aulas foram assistidas e os momentos de maior ocorrência do gesto de “levantar a mão” foram selecionados para o processo de transcrição das produções gestuais e vocais. Para melhor visualização do gesto estudado pela atual investigação, foi escolhido um momento em que a docente direciona uma pergunta para turma sobre o texto trabalhado na aula, ocasionando algumas produções do gesto de “levantar a mão” por parte dos alunos (cena transcrita no quadro 3).

Para a transcrição da cena selecionada, foi utilizado o software ELAN (*Eudico Linguistic Annotator*), que é uma ferramenta bastante usada pelos estudos nacionais pautados no conceito de matriz gesto-fala (LIMA, 2016; MELO, 2017; PIRES, 2018). Segundo Almeida (2018), o ELAN possui o propósito “[...] de fornecer uma base tecnológica segura para a anotação e investigação de gravações em multimídia, especialmente para análise de linguagem e gesto.” (ALMEIDA, 2018, p. 103). Com sua interface permitindo a observação simultânea de gravações em áudio e vídeo, o ELAN possui como principal ferramenta as trilhas de anotações, que “[...] permitem as anotações de determinado registro no tempo exato e, caso seja necessário fazer alguma alteração, isso pode ser feito sem perda de anotações anteriores ou subsequentes.” (p. 87, SILVA, 2018).

Tal ferramenta do ELAN auxiliou bastante na delimitação dos turnos de fala dos interlocutores, pois, a trilha de anotação da produção vocal de um interlocutor foi a base para determinar o início e término dos turnos de fala, enquanto a sobreposição das trilhas na interface permitiu a observação das produções gestuais concomitantes. Entretanto, é importante ressaltar a adaptação da transcrição em relação ao “interlocutor Turma”, pois foi observado que quando a professora direcionava um questionamento para a turma, normalmente mais de um aluno respondia o questionamento de forma convergente, não sendo possível determinar quais alunos respondiam à pergunta. Diante dessa ocorrência em meio aos dados, durante a transcrição se optou por atribuir os enunciados convergentes ao interlocutor “Turma”, pois essa ação facilita o processo de classificação dessas produções de fala/gesto concomitantes realizadas nesse contexto de múltiplos interlocutores.

Durante o processo de transcrição, o presente estudo se apropriou das normas de transcrição de Pretti (1999)<sup>8</sup>, pois, mesmo McNeill (2005) sugerindo normas de transcrição para produções multimodais investigadas a partir de sua perspectiva teórica, o atual estudo optou por um sistema de transcrição recorrente em pesquisas nacionais com foco nas produções orais, principalmente em aquisição da linguagem (CAVALCANTE, 2019, dentre outros). Assim, a notação adotada para transcrição é disposta a seguir no quadro 2:

---

<sup>8</sup> As normas de transcrição de Pretti (1999) são pautadas no sistema de transcrição sugerido por Marcuschi (1986) em sua obra sobre a “Análise da Conversação”.

**Quadro 2 – Normas de transcrição (PRETTI, 1999)**

| Ocorrências  | Sinais  |
|--|---|
| Incompreensão de palavras ou segmentos   | Parêntese simples sem nada escrito<br>Exemplo: “( )”  |
| Entonação enfática   | Letra Maiúscula<br>Exemplo: “ <b>NOVE</b> ... nove”   |
| Prolongamento de vogal e consoante (como ‘s’ e ‘r’)  | Dois pontos<br>Exemplo: “E:::U”   |
| Qualquer pausa   | Reticências<br>Exemplo: “...”   |
| Comentários descritivos do transcritor, normalmente usados para a transcrição da gestualidade e dos movimentos na atual pesquisa   | Parêntese duplo com descrição em letra minúscula<br>Exemplo: “((a Professora inicia a sua fala))” |
| Observações  |   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciais maiúsculas: Só para nomes próprios ou para siglas</li> <li>• Números: por extenso</li> <li>• Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.</li> </ul> |   |

Fonte: (PRETTI, 1999, 19-20)

Considerando todas essas escolhas metodológicas em relação ao processo de transcrição dos dados, a cena analisada pelo presente estudo está transcrita de forma sistemática no quadro 3, com a primeira coluna do quadro determinando o turno de fala e o enunciador, enquanto a segunda coluna possui as transcrições das produções vocais e gestuais.

**Quadro 3 – Transcrição do trecho de uma aula**

|                               |  |
|-------------------------------|--|
| <b>Turno 1<br/>Professora</b> | quem já foi em Campina Grande?<br>((a Professora inclina o corpo ao lado da carteira do Aluno 1 para pegar algo, recuando para posição ereta do seu corpo durante o início da pergunta “quem já foi em Campina Grande?”; quando termina de pronunciar a pergunta, o corpo da Professora está levemente virado para o lado esquerdo, enquanto segura um caderno com suas mãos na frente do seu peito))  |
| <b>Turno 2<br/>Turma</b>      | E:::U<br>((responde a turma para Professora, com quatro alunos captados pela câmera erguendo a mão acima da cabeça com a mão estirada; Aluno 2 gesticula em silêncio para erguer a mão direita acima da cabeça com pressa, mas acaba levando ela ao cabelo e fica com ela sobre a cabeça; Aluno 3 ergue a mão direita acima da cabeça com os dedos dobrados e com o olhar se voltando para trás durante o gesto, respondendo “eu” com o resto da turma; Aluno 4 ergue a mão direita acima da cabeça com a palma aberta em silêncio, enquanto mantém o olhar voltado para a professora; Aluno 5 ergue a mão direita acima da cabeça em silêncio, deixando o dedo indicador estirado, enquanto os outros dedos da mão estão dobrados, com o dedo indicador em evidência; Aluno 6 é captado parcialmente pela câmera, levando a mão direita na altura da cabeça em silêncio, enquanto a turma responde, deixando o dedo indicador em evidência, enquanto os outros dedos estão dobrados)) |
| <b>Turno 3<br/>Professora</b> | quantas horas de viagem você faz?<br>((a Professora inicia a sua fala com o corpo voltado para Aluno 1, enquanto abre o caderno do Aluno 1 com o olhar voltado para ele, erguendo rapidamente o olhar para o seu lado esquerdo ao terminar de falar a palavra “quantas” e voltando a olhar o caderno; folheia o caderno duas vezes e segura o caderno completamente aberto na frente do Aluno 1, enquanto fala “você faz”, com o olhar voltado para Aluno 1 até o final da frase, quando ergue o olhar na direção do seu lado esquerdo novamente em silêncio; o olhar da Professora passa um tempo direcionado para o lado esquerdo, quando direciona o seu olhar para o seu lado direito dando um passo nessa direção e olhando para os alunos nas cadeiras próximas da parede sem falar nada, enquanto a turma fala suas respostas de forma simultânea e divergente))  |
| <b>Turno 4</b>                | NOVE... nove   |

|                           |   |
|---------------------------|---|
| <b>Aluno 3</b>            | ((o Aluno 3 estica o braço acima da cabeça, agora com a palma da mão direita aberta, quando direciona o seu corpo inteiramente para a Professora e fala de forma enfática “nove”, até que ergue a mão esquerda acima da cabeça com o dedo indicador estirado, repetindo “nove”))  |
| <b>Turno 5 Turma</b>      | ( )<br>((a turma começa a falar de forma simultânea e divergente, impossibilitando que se conseguisse escutar as falas que eram enunciadas por cada aluno naquele momento, sendo só compreendidas as produções vocais dos alunos que falavam mais alto))  |
| <b>Turno 6 Professora</b> | psi:u... LEVANTEM A MÃO PESSOAL porque aí eu escuto todo mundo<br>((a Professora passa um tempo com o olhar voltado para o seu lado direito, até que usa o dedo indicador da mão direita para apontar na direção de um aluno não captado pela câmera, porém, pouco tempo depois desfaz o gesto de apontar erguendo rapidamente a mão direita na altura do rosto, levantando em seguida a mão esquerda acima da cabeça, enquanto a mão direita abaixa para a altura do tronco; o olhar da Professora se volta para o seu lado esquerdo ainda com a mão levantada e começa a falar; a mão esquerda levantada estava acima da cabeça, enquanto falava “psiu”, logo, ela falava com ênfase “levantem a mão pessoal” para a turma com a mão fazendo movimentos leves para frente e para trás, com o corpo virando lentamente para o lado direito da sala; quando fala “escuto”, a Professora está com o seu olhar voltado para o seu lado direito e quando termina de falar a frase, seu corpo está voltado para o lado direito, baixando a mão esquerda nesse momento e apontando com a mesma mão na direção do Aluno 7 com o dedo indicador estirado)) |
| <b>Turno 7 Turma</b>      | ...<br>((depois que a Professora pede para os alunos levantarem a mão, três alunos captados pela câmera sentados próximo a parede levantam as mãos acima da cabeça em silêncio; Aluno 5 levanta a mão direita acima da cabeça com o dedo indicador estirado, enquanto os outros dedos estão dobrados, deixando o dedo indicador em evidência, enquanto o seu braço está levemente flexionado; Aluno 7 ergue a mão direita acima da cabeça com o dedo indicador em evidência, enquanto os outros dedos estão dobrados, e mantém o braço esticado com a mão ficando bem acima da cabeça; Aluno 8 ergue a mão direita acima da cabeça com a palma aberta, apoiando o braço esticado com a mão esquerda segurando na altura do cotovelo))   |

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Para analisar sistematicamente as ocorrências do gesto de “levantar a mão” presentes no quadro 3 sob a perspectiva do Contínuo de Kendon, as observações serão feitas seguindo a ordem de cada elemento do contínuo. O primeiro elemento do contínuo observa a presença ou ausência de fala na ocorrência dos tipos gestuais, por isso, foi importante observar se existia ou não produção vocal nas ocorrências do gesto de ‘levantar a mão’ para a análise desse elemento.

Na transcrição do turno 4, o Aluno 3 executa o gesto de “levantar a mão”, enquanto responde à pergunta da professora de forma bastante enfática com o corpo voltado para ela, com tal ação do Aluno 3 podendo ser observada na figura 1.

Figura 1 - “o Aluno 3 estica o braço acima da cabeça, agora com a palma da mão direita aberta, quando direciona o seu corpo inteiramente para a Professora e fala de forma enfática “nove”[...]”



Fonte: Dados de Silva (2020)

Enquanto isso, o aluno 5, o aluno 7 e o aluno 8 executam o gesto de “levantar a mão” em silêncio, depois da orientação da professora para que os alunos levantassem a mão, como foi narrado na transcrição do turno 7 e como pode ser observado na figura 2.

Figura 2 - “[...] três alunos captados pela câmera sentados próximo a parede levantam as mãos acima da cabeça em silêncio [...]”



Fonte: Dados de Silva (2020)

Considerando essas duas ocorrências, é certo afirmar que o gesto investigado não se trata de uma gesticulação ou de um gesto preenchedor, pois esses necessitam da presença obrigatória da fala, e também não pode ser classificado como uma pantomima ou um sinal, pois esses precisam da ausência obrigatória da fala. Diante disso, a inferência de que o gesto de ‘levantar a mão’ se trata

de um emblema parece o caminho mais coerente a se seguir por enquanto, pois os dados mostram que a presença ou a ausência de fala não é um fator determinante da execução do gesto investigado, tornando a produção vocal um aspecto opcional para esse gesto.

O segundo elemento do contínuo observa a presença ou ausência de propriedades linguísticas nas ocorrências gestuais, que na perspectiva de McNeill (2000) está ligado ao fato do gesto estar inserido em um possível sistema de formas linguísticas que restringe a sua execução. Por exemplo, os sinais possuem propriedades linguísticas pelo fato de estarem inseridos no sistema de uma língua de sinais, delimitando a execução gestual independente do contexto. No entanto, a gesticulação não possui propriedades linguísticas, pois os gestos produzidos não obedecem a nenhum sistema específico para a sua execução durante o fluxo de fala.

Com isso em mente, o gesto de 'levantar a mão' aparentemente possui propriedades linguísticas delimitadoras, pois a sua significação está vinculada exclusivamente ao ato de erguer a mão até certa altura. Entretanto, observando os dados transcritos e as figuras 1 e 2, é possível encontrar uma grande flexibilidade na execução do gesto, como a variação da configuração da mão levantada (com os alunos 3 e 8 deixando a palma aberta, enquanto os alunos 5 e 7 evidenciam o dedo indicador em seu gesto) e a variação de altura da mão na execução, que questiona o caráter linguístico do gesto investigado. Diante disso, é possível ainda considerar o gesto de 'levantar a mão' como um emblema, já que é o único tipo gestual do Contínuo de Kendon que possui algumas propriedades linguísticas, não sendo considerado linguístico em sua totalidade.

O terceiro elemento do contínuo observa o caráter convencional do gesto, no caso, se “[...] as formas e os significados dos gestos atendem a algum tipo de padrão de um grupo socialmente constituído” (MCNEILL, 2000, p. 4 – tradução nossa). Considerando esse ponto, é possível observar que o gesto de “levantar a mão” funciona como uma ferramenta para regular os turnos de fala no contexto de múltiplos interlocutores, podendo ser compreendido como um gesto convencional, pois a própria docente sugere o uso desse gesto para organizar a fala dos alunos (como se pode observar na transcrição do turno 6). Entretanto, esse aspecto convencional do gesto de “levantar a mão” possui limitações de contexto, podendo funcionar durante uma conversação com múltiplos participantes, porém, é possível que o gesto perca a significação de organizador de turnos de fala em uma interação com uma quantidade de participantes menor (quatro interlocutores ou menos).

Em meio aos dados, durante o turno 2 foi possível identificar o gesto de “levantar a mão” possuindo uma significação distinta do que vem sendo apontado, pois, quando a professora faz um questionamento para os alunos, eles respondem esse questionamento “levantando a mão”, como é visto na transcrição e como se pode observar na figura 3.

---

<sup>9</sup> “[...] the forms and meanings of the gesture meet some kind of socially constituted group standard.” (MCNEILL, 2000, p. 4)

Figura 3 - “responde a turma para Professora, com quatro alunos captados pela câmera erguendo a mão acima da cabeça [...]”



Fonte: Dados de Silva (2020)

No caso do turno 2, os alunos não estão pedindo o turno de fala ao levantar a mão, pois, como é dito na transcrição, o Aluno 3 faz o gesto estudado pela presente investigação e fala “eu”, respondendo à pergunta feita pela professora. No caso do Aluno 3, o gesto de “levantar a mão” funciona como uma forma de enfatizar a sua resposta falada, enquanto no caso dos outros alunos que não falam, o gesto de levantar a mão está respondendo à pergunta da professora. Com isso, o caráter convencional do gesto de ‘levantar a mão’ parece não atender totalmente a um padrão de um grupo socialmente constituído, como ocorre com os sinais de uma língua sinalizada, que possui a mesma significação independente do contexto interativo e enunciativo. Logo, novamente o gesto investigado se mostra como um emblema, pois, mesmo sendo evidente o caráter convencional do gesto estudado (como observado nos turnos 4 e 7), ele não parece ser totalmente convencional (como observado no turno 2), podendo se encaixar na classificação de um gesto “parcialmente convencional”.

O quarto elemento do contínuo observa o caráter semiótico dos gestos, examinando se as produções gestuais são globais (gestos os quais o seu sentido é atribuído pelo contexto total da interação), segmentadas (gestos que possuem sentido independente do todo interativo), sintéticas (o gesto que possui uma significação completa em sua execução) ou analíticas (a produção gestual a qual possui diversos significados em sua execução). O gesto de ‘levantar a mão’ pode ser compreendido como uma produção gestual segmentada, pois, diferente da gesticulação (que precisa do contexto da fala para ter sua significação) e da pantomima (que precisa do contexto da produção gestual como um todo para ter significação), o gesto investigado possui a sua significação no momento em que ele é executado durante uma interação.

No entanto, diferente dos sinais, que são produções gestuais analíticas pelo fato dos sinais executados em uma frase sinalizada possuírem diversas significações, o gesto de ‘levantar a mão’ possui o caráter sintético, pois a significação do gesto investigado é completa com a execução gestual durante a interação. Diante dessas observações feitas através dos quatro elementos do Contínuo do Kendon, o gesto de ‘levantar a mão’ se mostra como um emblema gestual, pois: 1) a produção vocal é opcional em sua execução; 2) possui algumas propriedades linguísticas; 3) é um gesto parcialmente convencional; e 4) se trata de um gesto segmentado e sintético.

### Considerações finais

Com os debates teóricos levantados no presente trabalho, foi possível observar que a dinâmica interativa do professor com os alunos pode encontrar alguns obstáculos, como o fenômeno da interrupção, porém, o atual trabalho demonstra que existem recursos gestuais para tornar a interação em sala de aula mais efetiva, mantendo a participação do aluno. O gesto de 'levantar a mão', considerado regra de sala de aula em países estrangeiros, pode funcionar como uma ferramenta importante para a mudança de turno de fala no contexto de aula expositiva, sem interromper a fala do outro e permitindo que o professor da turma consiga organizar os turnos de fala.

No processo de classificação do gesto investigado através do Contínuo de Kendon, ficou claro que o gesto de 'levantar a mão' se trata de um emblema gestual pela presença de fala ser opcional em sua execução, por apresentar algumas propriedades linguísticas e ser parcialmente convencional, além de ser um gesto segmentado e sintético. Delimitar tal aspecto dessa ocorrência gestual tão comum no contexto de sala de aula e de conversações com múltiplos participantes é um passo importante para futuras pesquisas sobre as investigações multimodais em ambientes com tais interações, pois fortalece o caráter multimodal da interação nesses contextos.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Andressa Toscano Moura de Caldas Barros de. **A matriz gesto-fala em narrativas multimodais infantis**, 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

BARROS, Andressa Toscano Moura de Caldas; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. *Prosódia e gesto: caracterizando a matriz multimodal nas interações adulto-criança*. In: AUTOR; FARIA, E. M. B. de (Orgs.) **Cenas em aquisição da linguagem: Multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade**. 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. pág. 45-64.

BÖHEIM, Ricardo; KNOGLER, Maximilian; KOSEL, Christian; SEIDEL, Tina. *Exploring student hand-raising across two school subjects using mixed methods: An investigation of an everyday classroom behavior from a motivational perspective* In: **Learning and Instruction** 65, p. 1-16, 2020.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. *Perspectiva multimodal da aquisição da linguagem*. In: MOTA, M. B.; NAME, C. (Orgs.) **Interface, linguagem e cognição: contribuições da Psicolinguística**. 1 ed. Florianópolis: Copiart, 2019. pág. 67- 88.

DIXON, Juli K.; EGENDOERFER, Lisa A.; CLEMENTS, Tylar. *Do they really need to raise their hands? Challenging a traditional social norm in a second grade mathematics classroom* In: **Teaching and Teacher Education** 25, p. 1067–1076, 2009.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. *O oral como texto: como construir um objeto de ensino*. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales (org). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. pág. 125-155.

LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa. **Interações multimodais na clínica de linguagem: a criança com síndrome de Down**, 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O diálogo no contexto da aula expositiva: continuidade, ruptura e integração*. In: PRETI, D.. **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 45-83.

MCNEILL, David. *So you think gestures are nonverbal?* In: **Psychological Review**, v. 92, n. 3, p. 350-371, 1985.

MCNEILL, David. *Introduction*. In: MCNEILL, David. (ed.). **Language and Gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MCNEILL, David. **Gesture and Thought**. Chicago: Univ. Chicago Press, 2005.

MCNEILL, David. **Gesture: A psycholinguistic approach**, 2006. Acesso em: 04 de Dezembro de 2018. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/239533349\\_GESTURE\\_A\\_PSYCHOLINGUISTIC\\_APPROACH\\_1](https://www.researchgate.net/publication/239533349_GESTURE_A_PSYCHOLINGUISTIC_APPROACH_1)>

MELO, Ediclecia Sousa de. **Gestos emblemáticos produzidos por duas crianças com síndrome de down na terapia fonoaudiológica**, 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

PIRES, Thereza Sophia Jácome. **Letramento multimodal de uma criança surda com implante coclear**, 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

PRETTI, Dino. **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Luiz Antônio da. *O diálogo professor/aluno na aula expositiva*. In: PRETI, D.. **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 19-43.

SILVA, José Maria da. *Gêneros orais na escola: é proibido fazer silêncio!* In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (org). **Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. pág. 117-147.

SILVA, Paula Michely Soares da. **Multimodalidade em cenas de atenção conjunta: Contribuições para o processo de aquisição da linguagem de uma criança surda**, 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SILVA, Eriglauber Edivirgens Oliveira. **Matriz gesto-fala em sala de aula: Um olhar multimodal sobre aulas de língua materna no 4º ano do Ensino Fundamental**, 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Submetido em 15/04/2023  
Aceito em 21/06/2023